

Economia

EXPOINTER 2015

Bolognesi aguarda licenças para obras

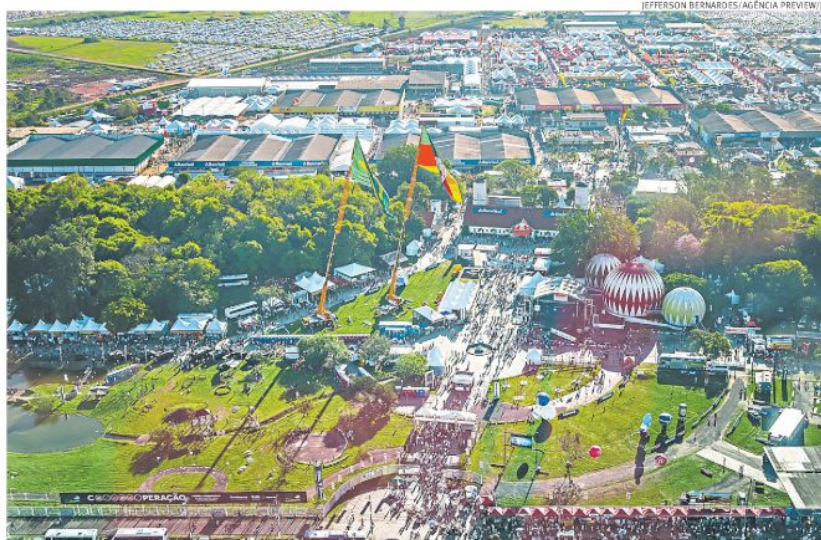
Feira registrou queda de 35% na comercialização total, com recuo de 37,05% em máquinas

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Depois de mais uma Expointer, o foco daqui para frente se concentrará nas obras de revitalização do Parque de Exposições Assis Brasil. A construtora Bolognesi firmou contrato para as intervenções que terão como prioridade contornar os riscos de novas inundações e ainda implantar empreendimentos na área, de hotel a centro comercial e de eventos, com a pretensão de gerar receita o ano todo. Representantes da empresa informaram que a etapa atual, após a assinatura do contrato de uma parceria público-privada com o Estado em julho, será de definição de referências para as construções e encaminhamento de licenças ambientais, que caberão ao município de Esteio. Levantamento de topografia já foi feito e novos estudos da região devem ser realizados antes dos licenciamentos.

O tema das inundações pontuou o balanço de entidades e governo no domingo. O presidente da Farsul, Carlos Sperotto, revelou que a mostra deste ano correu o risco de não ser realizada. Sperotto contou que houve reunião entre os setores, mas que a decisão foi por manter a edição. Temporais do fim de 2014 que danificaram pavilhões e a inundação que deixou a área completamente submersa, em junho, sustentavam a tese do cancelamento. Depois do almoço da Farsul, no domingo, foi o governador José Ivo Sartori e o secretário da Agricultura, Ernani Polo, que agradeceram a Deus, diretamente, pelo clima que poupou o parque de chuvas. O mau tempo só foi



Construtora terá como prioridade inicial realizar intervenções para reduzir riscos de inundações no parque

registrado nas vendas. O ramo de máquinas é o mais afetado, com queda de 30% em volume fora da feira, o que acabou batendo à porta de Esteio.

A 38ª Expointer, que se encerrou no domingo e levou cerca de 500 mil pessoas ao parque entre 29 de agosto e 6 de setembro, somou R\$ 1,7 bilhão em negócios,

cifra 35% inferior à de 2014, que havia ficado em R\$ 2,7 bilhões. O setor de máquinas agrícolas, carro-chefe do evento, foi justamente o mais afetado, fechando em R\$ 1,6 bilhão, recuo de 37% frente ao balanço do ano anterior. A venda de animais reforça a valorização, com crescimento de 24%, somando R\$ 15,3 milhões (R\$ 12,4

milhões de exemplares da raça de cavalo Crioulo, alta de 27%). A agricultura familiar mantém a boa fase, com alta de 12,7%, somando R\$ 2,2 milhões. No setor financeiro, Banco do Brasil, Banrisul, BRDE e sistema Sicredi tiveram, em geral, queda de até 50% nos volumes de crédito para aquisição de máquinas agrícolas. BB somou R\$ 506,8 milhões, Banrisul (R\$ 196 milhões), BRDE (R\$ 212 milhões) e Sicredi (R\$ 101,5 milhões).

As medidas para estancar problemas estruturais do parque devem priorizar a construção de um dique. Mas representantes da Bolognesi esclareceram que as condições de ocupação e empreendimentos deverão ser todos habilitados pelo município de Esteio

de uma vez só. Sobre prazos, o subsecretário do parque Assis Brasil, Sérgio Bandoça Foscarini, disse que tudo dependerá do prazo das liberações das licenças ambientais. "Mas a expectativa é que a obra do dique comece logo", comentou. A construtora Bolognesi foi a única a se habilitar na licitação lançada pelo governo estadual.

Entre 2013 e 2014, os visitantes da Expointer viram maquetes que projetavam novo tempo ao parque. Foscarini informou que a intenção da empresa era ter exposto uma nova maquete durante a feira, com o que deverá ser o conjunto de empreendimentos, mas não deu tempo de concluir a montagem. No auditório da administração do parque, ainda era possível ver o projeto que havia sido idealizado na gestão anterior do governo, que começou as tratativas para a concessão. A exploração envolvia 23,7 hectares, 18% da área total. A meta é fazer o parque gerar receita o ano todo. Após conclusão das obras, a construtora pagará R\$ 82,2 mil mensais ao governo. O valor inicial previsto é de R\$ 16,19 milhões, sendo R\$ 4,3 milhões para construir, em até um ano, o dique de contenção do arroio Esteio, e R\$ 11,8 milhões para infraestrutura que receberá uma área comercial, centro educacional e área de eventos. O prazo desta segunda etapa é de 10 anos.

Feira em baixa

	2013	2014	2015
Vendas totais	R\$ 3,292 bilhões	R\$ 2,729 bilhões	R\$ 1,708 bilhão
Máquinas	R\$ 3,27 bilhões	R\$ 2,7 bilhões	R\$ 1,6 bilhão
Animais	R\$ 16 milhões	R\$ 12,4 milhões	R\$ 15,3 milhões
Agricultura familiar	R\$ 1,5 milhão	R\$ 1,9 milhão	R\$ 2,2 milhões
Artesanato	R\$ 980 mil	R\$ 1,4 milhão	R\$ 960 mil
Visitantes	384 mil	502 mil	509 mil

Fonte: Secretaria da Agricultura

Presidente da Marfrig descarta retomar abates de bovinos na unidade de Alegrete

O frigorífico da Marfrig em Alegrete, único habilitado a exportar para a China, está "em situação muito difícil". A declaração foi dada pelo presidente da companhia, Martin Secco, que também descartou a retomada de abate de bovinos na unidade, uma das quatro do grupo que estão operando no Estado. Um acordo entre a empresa e trabalhadores, celebrado no Tribunal Regional do Trabalho, em fevereiro, garantiu que a planta ficasse aberta apenas com desossa até fevereiro de 2016. Cerca de 350 empregados ainda atuam no frigorífico. Sobre como ficará a operação após o término do prazo do acordo, o presidente da Marfrig disse que ainda não houve definição.

"Sem possibilidade de retomar os abates lá, pois não tem oferta de animais", afirmou o executivo, que esteve na Expointer,

em Esteio. O grupo, que é um dos maiores em processamento de proteína animal no mundo, chegou a interromper os abates na unidade de Alegrete, no começo de janeiro deste ano. Foram dadas férias de 30 dias e anunciado que, no começo de fevereiro, os mais de 600 empregados seriam demitidos devido à suspensão da atividade. A decisão já havia sido tomada internamente, pelo comando da companhia em São Paulo, em outubro de 2014. "O cenário de quando tomamos a decisão e hoje, não mudou nada", afirmou Secco. "Depois de fevereiro (de 2016), vamos ver."

As plantas de São Gabriel e Bagé são as únicas que abatem bovinos, com volume total de 1,3 mil cabeças. O Pampeano, de Hulha Negra, processa carne para produzir o corned-beef. Segundo Secco, a oferta restrita de animais impede a ativa-

ção da linha de abate em Alegrete e mesmo de duas unidades, de Mato Leitão e Capão do Leão, fechadas desde 2009. O executivo descartou ainda se desfazer dos ativos. "Não vendemos porque não tem comprador", justificou o presidente.

Mesmo sendo Alegrete a única planta habilitada a exportar para a China (fluxo reativado em acordo em 2014), que passou a concentrar a atenção da exportação de carne bovina brasileira, Secco alega que não há animais para manter a operação em Bagé e na unidade que só faz a desossa. A Marfrig aguarda apenas a autorização do ministério chinês para validar a venda externa a partir de Bagé. "O pedido já tramita há 60 dias. Os chineses já visitaram a unidade. Esperamos ter agora em setembro, mas não depende de nós", explicou Secco, indicando que a palavra

final é do país asiático. A turbulência a economia do país e período de férias estariam adiando a liberação.

O plano é dedicar toda a produção da planta bajeense à China. O volume significará 20% a 30% da quantidade total que o grupo exporta de carne bovina hoje ao mundo. "A China vai substituir mercados com preço mais baixo, pois não há volume para atender mais demanda", contrastou o presidente. Os embarques ao Exterior representam 50% das vendas da companhia. Se o abate se elevar a 3 milhões no Rio Grande do Sul, abre-se outra perspectiva, provocou o presidente da companhia. Outro problema no Estado é a saída de animais para terminação em outras regiões. Secco tem dito que o fluxo exigiria medidas do governo estadual, como eventual taxaço para desmotivar a venda. (PC)

